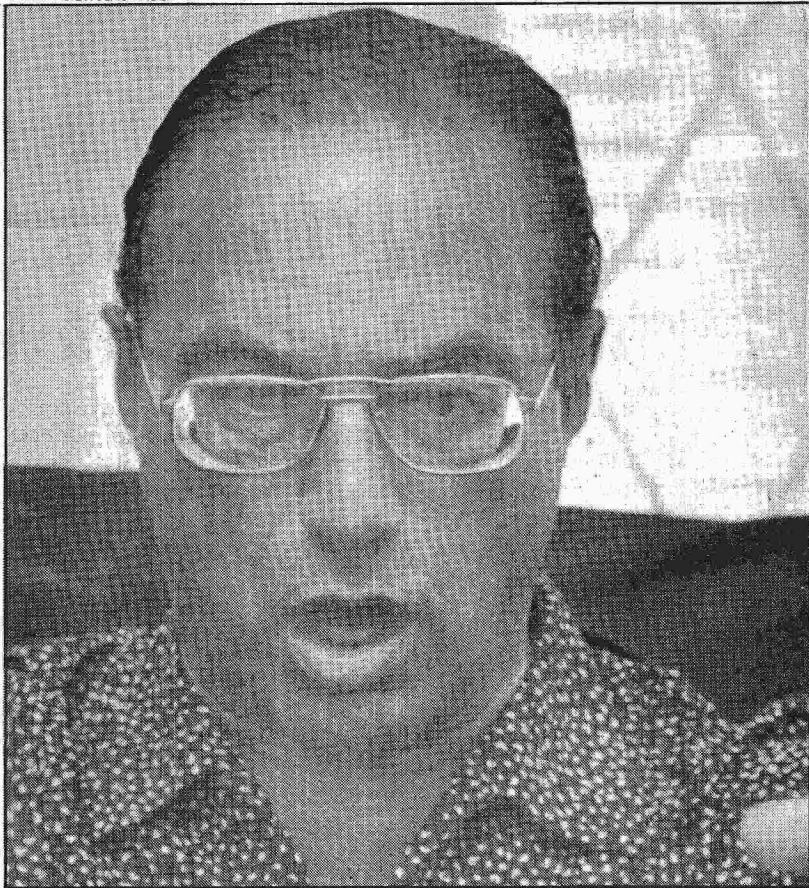


Maluf acha que pode ser o fiel da balança

CARLOS SILVA/SÃO PAULO



Maluf em São Paulo: por enquanto, sem definir preferência

São Paulo — Estigmatizado como um dos representantes da direita e do conservadorismo no País, o candidato do PDS à Presidência da República, Paulo Maluf, não descartou ontem a possibilidade de apoiar Lula ou Brizola no segundo turno. “Sou contra as bandeiras vermelhas empunhadas nos comícios dos dois candidatos, mas admito que hoje nada está concretizado em termos de apoio”, disse Maluf, ao reconhecer oficialmente sua derrota, numa entrevista coletiva no comitê central de sua campanha, em São Paulo.

O candidato do PDS ressaltou que a definição sobre apoios, inclusive ao candidato do PRN, Fernando Collor de Mello — como parece ser o desejo dos coordenadores de sua campanha, só será concretizado depois de ouvidas todas as lideranças nacionais do PDS engajadas no esforço eleitoral a favor de Maluf. As consultas serão iniciadas neste domingo, quando se reunirá a direção estadual do PDS paulista e a partir de terça-feira, em Brasília, num encontro com a direção nacional do partido e nas consultas individuais que Maluf come-

çou a fazer ontem por todo o País. “Vou pegar um papel e fazer uma lista para ter a exata compreensão dos que me apoiaram a respeito do segundo turno”, afirmou.

FIEL DA BALANÇA

Segundo Maluf, qualquer apoio a um dos dois candidatos do segundo turno terá de ser feito às claras. “Vamos exigir acordo público, através de programas”, acrescentou, comentando em tom de brincadeira que uma união com Lula, por exemplo, passaria pela exigência de que as bandeiras vermelhas dos petistas fossem abaixadas em todos os comícios. Maluf se considera um dos fiéis da balança eleitoral no segundo turno, em função do total de votos na primeira rodada da eleição presidencial. “Se você considerar que teremos quase 10 por cento dos votos, mais ou menos oito milhões de votos, isso quer dizer que o candidato que apoiarmos pode ter o dobro desse percentual.

O candidato do PDS, que perdeu a terceira eleição direta consecutiva de que participou nos últimos quatro anos, se recusou a fazer previsões sobre seu futuro

político, negando por enquanto a possibilidade de disputar o governo de São Paulo no próximo ano. “É muito cedo para se pensar nisso. Ainda estamos na fase de agradecimento a todos os companheiros que acreditaram na nossa candidatura a presidente e nos prestigiaram. A sucessão estadual só deverá ser discutida no início de 1990”, garantiu.

Para Maluf, o PDS foi o único partido, além do PT; que se fortaleceu nessa disputa presidencial. “O PMDB quebrou duas pernas e dois braços; o PFL quebrou duas pernas, dois braços e as duas orelhas; o PTB quebrou tudo isso e o nariz. O PSDB é uma sublegenda do PMDB e o PRN foi o partido para agasalhar uma candidatura”, comparou.

Dizendo-se ainda atordoado com o resultado do processo eleitoral, Maluf encontrou as razões para sua derrota. “O povo ficou com o novo, representado por Collor e Lula, que conseguiram passar ao eleitor essa imagem, numa estratégia que deu certo. O Brizola usou uma estratégia diferente, usando a campanha para tentar resgatar o que fizeram com ele na ditadura militar.